

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI-

XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR
DIAS NUNES

(continuação)

CLXXXII

Com pena peguei na penna,
Com pena puz-me a escrever;
Cahiu-me a penna da mão,
Com pena de te não vêr.

CLXXXIII

Chamaste-me preta, preta,
Eu sou preta, bem o sei...
Tambem a azeitona é preta
E vac á mēsa do rei.

CLXXXIV

Chamaste-me trigueirinha,
Isso é do pó da eira.
Lá me verás aos domingos
Como a rosa na roseira.

CLXXXV

Chorae, olhos, chorae olhos...
Que o chorar não é despreso;
Tambem a Virgem chorou
Quando viu a Jesus preso.

CLXXXVI

Teus olhos meigos, risonhos,
Teus gestos e movimentos,
De noite occupam meus sonhos,
De dia meus pensamentos.

CLXXXVII

Tens uns olhos bem bonitos...
São a minha tentação!
Assim elles não tivessem
Para mim ingratição.

CLXXXVIII

Toma, amor, esta laranja,
Tira-lhe o summo, que é tua;

Da casca faze um barquinho,
Embarca p'r'a minha rua.

CLXXXIX

Toma, amor, esta laranja,
Tira-lhe o summo de dentro;
Da casca faze um navio
E embarca o meu pensamento.

CLXL

Tenho dias, meu amor,
Que me desejo matar,
Em consid'rar que não posso
Contigo desfogar.

CLXLI

Tu tiraste de meu peito
A parte mais melindrosa...
—Deus me não leve do mundo
Sem te lograr, linda rosa!

CLXLII

Trouxe, poisada n'um ramo,
Uma linda maripoisa,
Para dar ao meu amor.
Ah! que delicada coisa!

CLXLIII

Tu não sabes minha jura?
Pois olha que ella é medonha!
Foi feita entre os rochedos,
Nas ondas, onde o mar sonha...

CLXLIV

Puz-me a contar às escuras
As pedras a uma columna:
—Nove, oito, sete e seis,
Cinco, quatro, três, dois, uma...

CLXLV

Puz-me a contar as estrellas:
Contei duzentas e doze;
Com mais duas em teu rosto,
São duzentas e quatorze.

CLXLVI

Por ditosa eu me daria
Se visse a obra acabada:

Tu p'ra mim, jasmim cheiroso;
Eu p'ra ti rosa dobrada.

CLXLVII

Passei pela tua porta,
Vi o que estavas fazendo.
'Stavas fallando com outro:
E' mundo! iremos vivendo...

CLXLVIII

Puz-me a contar as estrellas,
Contei grandes e miudas.
A amisade que eu te tenho
Inda è mais do que tu cuidas.

CCXLIX

Puz-me a contar as estrellas;
Contei-as, são vinte e cinco.
A amisade que eu te tenho,
Deus a sabe e eu a sinto.

CC

Estando a rosa em botão,
Em folhinha, para abrir,
Faze d'ella estimação
Se a queres possuir.

CCI

E's uma prata lavrada,
E's um oiro sem espuma;
E's uma rosa encarnada
Sem teres falta nenhuma.

CCII

Eu já fui ao Oriente,
Ao jardim de Salomão;
Vim de lá muito contente,
Vi muita rosa em botão.

CCIII

Eu tenho meu coração
Que nem uma bala o passa!
Coisas de contra vontrede,
Manda a lei que se não faça.

CCIV

Eu não canto para ouvir
Respostas ao consoante;
Em canto p'ra divertir
Um amor firme e constante.

CCV

Eu q'ria ser boi, ou vacca,
Ou outro animal maior;
Q'ria ir beber à bica
Onde bebe o meu amor.

CCVI

E's uma arca de vento,
Castello de phantasia;
Namoras dez ao serão,
Dás cavaco a cem n'um dia.

CCVII

Já o mar não leva agoa,
Leva fôlhas de Jacé,
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu José.

CCVIII

Já o mar não leva agoa,
Leva folhas de trovisco.
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Francisco.

CCIX

Já o mar não leva agoa,
Leva folhas de alecrim.
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Joaquim.

CCX

Já o mar não leva agua,
Leva folhas de papel.
Não tenho por quem mandar
Cartinhas ao meu Manoel.

CCXI

Já lá se vae o entrudo
Com gallinhas e capões;
Agora vem a quaersma,
Estudam-se as orações.

CCXII

Já lá se vae o entrudo,
Com gallinhas e carófos;
Agora vem a quaersma,
Estudam-se os padre-nossos.

CCXIII

Já lá vae o entrudo
Pelo barranco da nôra,
Gritando em altas vozes:
«A quaersma me põe fóra!»

CCXIV

Já o sol se vae 'scondendo
Lá detraz d'aquelles ramos:
Alegria para nós,
Tristeza p'ra nossos amos.

CCXV

Já lá tens novos amores,
Cuidas que ninguem o sabe!
Queira Deus que aturem tanto

Como a polvora quando arde...

CCXVI

Já vejo tarde o cumprimento
E correspondencia a dar...
Tem paciencia meu bem,
Já 'stà outro em teu logar.

CCXVII

Lindos olhos tem meu par,
Ind'agora reparei;
Se reparasse mais cedo
Não amava a quem amei.

CCXVIII

Lindos olhos tem a cobra
Quando olha de repente.
Mais vale um bom desengano,
Que andar enganada sempre.

CCXIX

Saudade é uma flôr
Que em meu peito consumo.
Deito-me na minha cama
E nem um instante durmo.

CCXX

Saudade é uma flôr
Que se põe em qualquer vaso.
Uma saudade firme
Só se encontra por acaso.

CCXXI

Saudades, saudades,
Saudades, meu amor;
Saudades tenho eu,
Sejam ellas de quem fôr.

CCXXII

Saudade é flôr que nasce
Entre as brenhas d'uma ausencia;
Rega-se com triste pranto
E colhe-se com paciencia.

CCXXIII

Saudade roxa,
Roxa saudade!
Deixa, que eu virei
Mais cedo ou mais tarde.

CCXXIV

Se eu tivesse penna d'oiro,
'Screvia em papel de prata;
'Screvia as ingratidões
Com que o meu amor me trata.

CCXXV

Se a morte fosse interesseira,

Tristes de nós! que seria!

O rico comprava a vida,
O pobre é que padecia.

CXXVI

Se eu me levantasse, um dia,
E ouvisse tocar signaes,
E ouvisse dizer ao povo
Que morreram meus rivaes!...

CCXXVII

Se os mortaes bem conhecessem
O damno que causa amor,
Fugiriam sempre d'elle
Como d'um falso e traidor.

CCXXVIII

Se o mar tivesse varandas
Ia-te ver ao Rrazil.
Mas, se o mar não tem varandas,
Como posso eu là ir!?

CCXXIX

Se o mar tivesse varandas
Ia-te vêr a Lisboa.
Mas o mar não tem varandas...
Sem ter azas ninguem vôal

CCXXX

Se tu me quizesse tanto
Como eu te quero a ti,
Seria o nesso amor tanto,
Que nunca teria fim.

CCXXXI

Sympathia natural
Me obriga a ter-te amizade;
E's minh'alma, és minha vida,
E's a minha saudade.

CCXXXII

Se me amares a mim sò,
Mais do que a rocha sou firme;
Em sabendo que amas outrem,
Sou um raio a despedir-me.

CCXXXIII

Se me amas, dà-me a vêr,
Quero amar teu lindo rosto;
Tenho quem me queira bem,
Mas só tu és do meu gosto.

CCXXXIV

'Stou-te amando e duvidando,
Não por seres mais do que eu;
Vejo todas despresadas...
Julgo que assim serei eu.

CCXXXV

Dei um ai entre dois montes,
Responderam-me as montanhas.
Ai de mim! que já não posso
Sofrir ausencias tamanhas!

(Continúa)

→→→
**CANTOS POPULARES DE TRAZ-
OS-MONTES**

Recolhidos por A. F.

(Continuação)

Na segunda feira te amo,
Na terça te quero bem,
Na quarta digo que morro
Na quinta por mais ninguém.

40

Na sexta feira por ti,
No sabbado por ti tambem,
No domingo vou á missa
Por ver a luz do meu bem.

41

Se ouvires tocar á missa
Deixa tudo, vae a ella,
Quando dizem: Santos, Santos,
Desce Deus do ceu á terra.

42

Encostei-me ao damasqueiro
Deitei damascos em terra;
Olha que Deus não perdôa
Testemunhos á donzella.

43

O' meu amor, meu allivio,
Minha bella adoração,
Meu oratorio de vidro,
Aonde eu faço oração.

44

Eu tenho a minha sina
Que m'a leram dois letrados,
De tua mãe ser minha sogra
E teus manos meus cunhados-

45

O quanto o meu pac chorou,
Quando me viu ao estalão,
Não chore meu pae, não chore,
Que os homens p'r'à guerra são.

46

Eu hei-de mandar fazer,
Que eu não posso fazer tudo,
Um barco de paciencia
Para viver neste mundo.

47

Fui-me deitar a dormir,
Das estrellas fiz abrigo,
Abracei-me a um penha
Cuidaria que era contigo.

48

Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormeco,
Nunca eu perdera o somno
Por ameres que eu tivesse.

49

O salgueiro á beira d'agua
Da-lhe o vento, torce, torce:
Monina que hade ser minha
Deixe-me ir tomando posse.

50

Já lá vae quem eu amava,
Já lá vae quem eu queria,
Já lá vem o sol abaixo
Já lá vem minha alegria.

51

O' minha pombinha branca
O' meu pombo côr de rosa;
Se a inveja fosse tinha
Muita gente era tinhosa.

52

Quem falla de mim, quem falla,
Quem falla de mim, quem é,
Quem não é capaz de ser
Sapatinho p'ra meu pé.

53

O' minha pombinha branca
Quando ha-de ser a hora,
Que te eu hei-de ver voar
D'esse pombar para fora.

54

O' minha pombinha branca
Dae-me do nosso vestido,
O meu vestido é de pennas,
Penas trago eu comigo.

55

O' minha pombinha branca
O' meu pombo rolador,
Quando eu fór d'esta terra
Quem será o teu amor.

56

Os pombinhos innocentes
Arrolam-se e dão beijinhos,
Façamos, meu bem, façamos,
Como fazem os pombinhos.

57

Já lá vae o meu bom tempo,
Os meus dias já lá vão,
Ainda espero de chegar
Ao tempo da creação.

(Continúa)